

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME VII

Ademir Pascale
organizador

“Cada segundo é tempo para
mudar tudo para sempre.”
— Charles Chaplin

Conexão Literatura



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-51386-7
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O PRESENTE DO TEMPO, POR ADRIAN HENRIQUE VANALLI CARRARO, PÁG. 05
UM MUNDO SEM TEMPO, POR ANA GALVÃO, PÁG. 07
EU, SUCESSOR DE MIM, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 10
PRESSA DE SER FELIZ, POR BARBIE DOG, PÁG. 14
BLOSSOM NO TEMPO, POR BELLE, PÁG. 17
EM TEMPOS, POR CAMILA SILVA DO NASCIMENTO, PÁG. 21
ENQUANTO HOVER MEMÓRIA, POR CÉSAR DOS SANTOS BURACOSKI, PÁG. 23
FIM, POR ESTEVÃO BATISTA DE MORAES, PÁG. 25
IMPLACÁVEL TEMPO, POR ESTEVÃO BATISTA DE MORAES, PÁG. 27
Ó, TEMPO, POR ESTEVÃO BATISTA DE MORAES, PÁG. 29
SOBRE O TEMPO, POR GILVANN OLLIVEIRA, PÁG. 31
O AMOR NO TEMPO, POR GLADISTON DE JESUS MARQUES SILVA, PÁG. 34
CONTANDO O TEMPO, POR ILDEBRANDO PEREIRA DA SILVA, PÁG. 36
QUASE-SONETO DO ESPAÇO-TEMPO, POR JAFF SILVA, PÁG. 38
NÃO ESTOU SOZINHA, POR JANE COSTA DE SOUZA, PÁG. 40
RELÓGIO DA INFÂNCIA, POR LIZ, PÁG. 42
O TEMPO LEVOU, POR LUCIRENE FAÇANHA, PÁG. 44
QUERERES, POR LUCIRENE FAÇANHA, PÁG. 46
ROMANESCO, POR LUCIRENE FAÇANHA, PÁG. 48
VIVOS AQUI DENTRO, POR LUCIRENE FAÇANHA, PÁG. 50
CAFÉ AMARGO, POR LUIZA P. VAZ-TOSTES, PÁG. 52
O TEMPO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 55
APENAS UM PONTO, POR RENATA KELLY DA SILVA FIGUEIREDO, PÁG. 57
PÓ DO TEMPO, POR RITA DE CÁSSIA ZUIM LAVOYER, PÁG. 61
O TEMPO QUE O TEMPO TEM, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 63
A MEDIDA DO TEMPO, POR ROMERO PIO, PÁG. 66
TEMPO... TEMPO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 68
<i>TEMPUS FUGIT</i> , POR SELLMA LUANNY, PÁG. 70
MOMENTOS QUE MARCAM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 72
A CONSUMIR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 74
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 76

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Poemas sobre o tempo

VOLUME VII

“Cada segundo é tempo para
mudar tudo para sempre.”

— Charles Chaplin

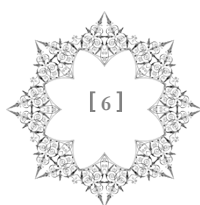
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O presente do tempo

Por Adrian Henrique Vanalli Carraro

Adrian H. Vanalli C. nasceu em Matinhos, no litoral paranaense. Atualmente, cursa um programa de duplo diploma, enquanto bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo aluno do Bacharelado em Engenharia Mecatrônica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e do M. Sc. em Robótica Autônoma da Escola Nacional Superior de Técnicas Avançadas (ENSTA), na França. Trabalhou como garçom, barista, professor de inglês e de português para estrangeiros, além de estágios na engenharia. Escreve desde sua adolescência em assomos de paixão, ativismo e expressão intelectual.

Tempo é desassossego
alçando a poeira
que nada é capaz de cobrir
por falta de tempo.
No tempo se propaga a vida
como a voz se propaga no vento.
O tempo é a integral do momento,
a quem tudo pertence,
o qual apego nenhum vence.
À consciência oferece o tempo
um presente,
quando se permite transformar em momento.
Ali, permanece suspenso o silêncio.
E viver é ser capaz de ouvir
o instante em que se cala o tempo.

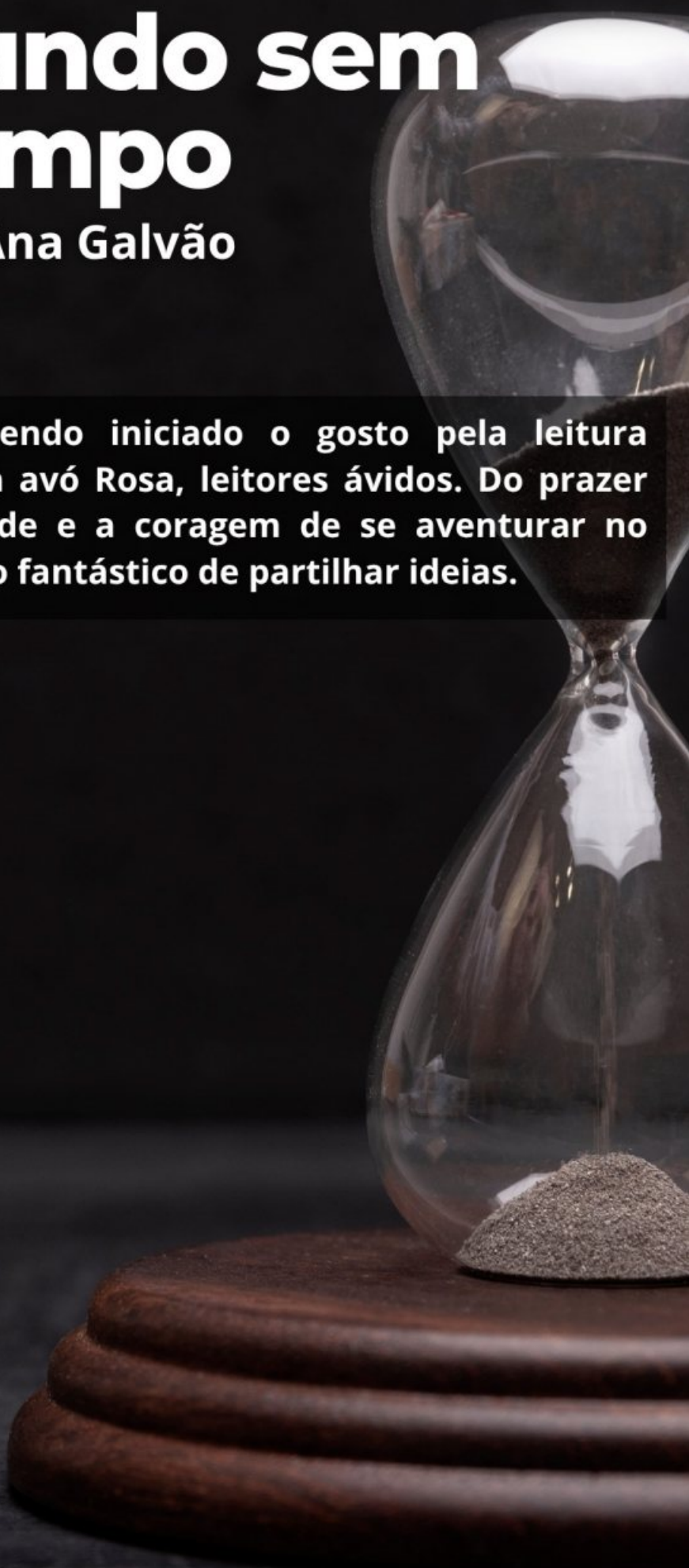


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Um mundo sem tempo

Por Ana Galvão

Ana Galvão é economista, tendo iniciado o gosto pela leitura influenciada por seu pai e sua avó Rosa, leitores ávidos. Do prazer pela leitura veio a curiosidade e a coragem de se aventurar no mundo da escrita, neste mundo fantástico de partilhar ideias.



Uma vida dentro de um mundo
Um mundo sem tempo para vida
Pessoas sem tempo no mundo
Com tempo influenciando vidas
Vidas se perdendo no tempo

Uma vida dentro de um mundo
Com tempo perdido no mundo
Com dias voando no tempo
Com pessoas perdendo o tempo dos dias
Em um mundo com dias sem tempo

Uma vida dentro do tempo do mundo
Com histórias se perdendo no tempo
Com pessoas esquecidas pelo tempo
Com dores aliviadas pelo tempo
Com sonhos apagados no tempo

Uma vida dentro de um mundo
Perdida no tempo do mundo
Com homens fugindo do tempo
Mas alcançados pelo tempo no mundo
Com crianças querendo apressar o tempo
Com jovens aprendendo com o tempo

Uma vida dentro de um mundo
Com pessoas sem tempo
Só sem tempo
Com dias passando sem tempo
Com vidas vivendo sem tempo

Uma vida dentro de um mundo
Caminhando no tempo do mundo

Se perdendo no tempo da vida
Uma vida pedindo mais tempo
Só mais tempo na vida

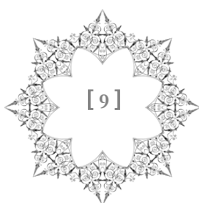
Uma vida dentro de um mundo
De um mundo sem tempo
Tentando arranjar mais tempo
Em uma vida sem tempo
De amar, sorrir e chorar

Uma vida dentro de um mundo
Tentando viver com tempo
Em um mundo sem tempo
Só pedindo um pouco, mais de tempo

Uma vida dentro do mundo
Tentando parar o tempo do mundo
Tentando voltar o tempo da vida
Tentando viver com tempo
Tentando mudar o tempo do mundo

Uma vida dentro do mundo
Vivendo no tempo do mundo
Com amores se perdendo no tempo
Com crenças se perdendo no tempo
Com amizades se perdendo no tempo
Com famílias separadas pelo tempo do mundo
Só sem tempo

Uma vida dentro de um mundo
Um mundo sem tempo para vida
Uma vida pedindo mais tempo
Querendo só mais tempo para viver uma vida com tempo.

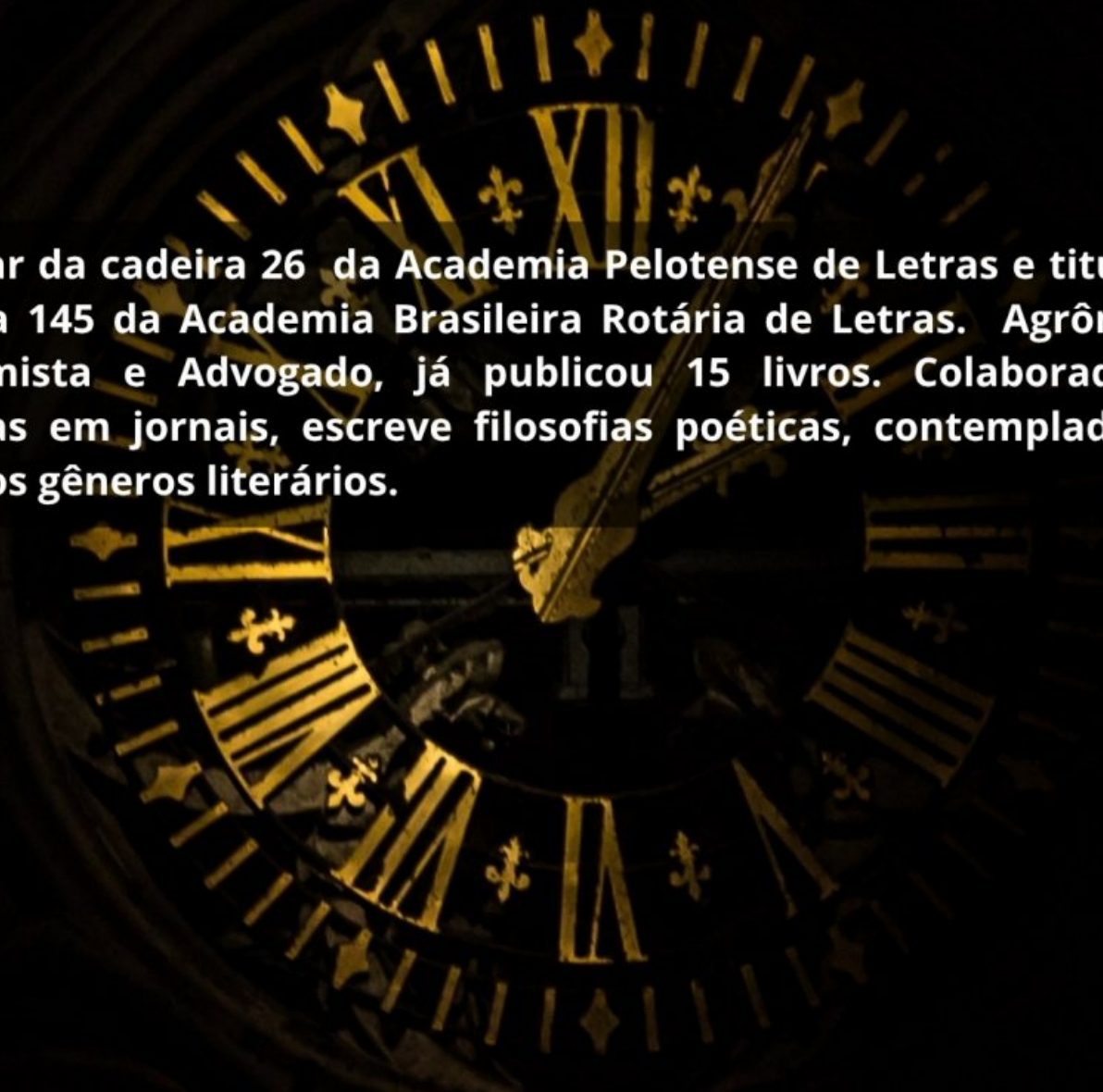


A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Eu, sucessor de mim

Por Antonio Carlos Marques

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo , Economista e Advogado, já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



E seguia caminhando e palmilhando e procurando e indagando.

Procurador de si mesmo, extasiava-se, por vezes, quando encontrava o seu outro eu que ele perseguia com segundos de outros mundos.

Seus olhares dissipavam-se quando se entrecruzavam as sentinelas das luzes diamantinas.

Os imãs que os distinguiam como oposições que se procuram, deambulavam enquanto eles se passeavam.

Cruzes das encruzilhadas eram os marcos das estradas que, muitas vezes, não sentiam sentir alarmes de insinuações.

Mas eles se insinuavam nas bordas dos conteúdos dos caminhos sem fins. . .

Relâmpagos de teias de ouro caíam em clemências das indolências. . . Clemências das indolências? Sim, quando o pergaminheiro primeiro açoitava o corcel de espumas douradas, o sufoco do abafo do outro eu era pouco.

Era pouco para distinguir, quem olhasse de fora dessa redoma de pequeno mundo, era pouco para separar semelhanças e dessemelhanças.

Sucedem-se que um procurava ao outro e ambos eram exímios em perderem-se após se olharem em chispas de átomos de átomos que se negam mas se atraem quando o querem.

Ambos queriam o sucesso de vida “por enquanto”, mas o manto do agasalho o era de companheiros que se distinguem nos campos dessas batalhas.

Mortalhas bem felizes ou infelizes desencantos que se espojavam em dores aflitas de um deles.

Mas o que seguia à frente, após a encruzilhada do pó da estrada, era de perfil mais adunco na prossecução da Oriental direção.

Orientava-se muito melhor, um deles, esse segundo, e caminhava em direção a um roteiro de seu mundo já pré-preparado.

O gaudério das trilhas perdidas, no gáudio da sua alegria em sua mochila às suas costas, seguia as pistas e pegadas de quem não sabe o que será de sua chegada.

Mas o cheiro alcatroado que lhe inspirava seguir na estrada asphaltada, tornava aladas suas melhores pegadas.

Calçados descalçados deixou-os de lado e a reta da indicação orientou-o à procura do seu irmão.

Sucederam-se dias afins e as afinidades daquelas idades estenderam a esteira dos encontros.

Tocou-lhe à espalda e o respaldo da sua procura caiu-lhe qual fruta madura:

— Quem me toca às cortas é o que tergiversava enquanto eu conversava?

— Mão “caliente” é encontro de fraternidade contente?

— Contém o contentor do coração do amor ou é cilada de tocaia ensaiada?

— Essas, as perguntas do que era o sucedâneo do outro, o que lhe sucedia no seu avançar.

O que de trás lhe chegava, antecedência, seqüência e sucessor encontrarem-se no alvo da seta do arco retesado bem esticado, naquela manhã do interior comício, quando o precipício abanava com soluços (soluções) de saudades que chamam aos que querem cortar seus sangüíneos pulsos.

Viraram-se e vislumbraram-se, olhares de lá e visões de cá, chamuscando anelares de encontros em superiores altares.

Sabia que me procuravas com afincos de pés ensangüentados. Sabia que engatinhavas enquanto o vampiro das horas tristes agonizava tua rubra saúde em desmaios de exaustão.

— Eu, o teu sucessor, seguia e me encolhia, por vezes, para ver se me alcançavas.

— Eu, o teu amanhã melhor, retardava meus passos, para tentar sentir e ouvir tuas claudicantes passadas perdidas, por vezes e outras tantas, mal consentidas nas direções que não querias escolher (lembras-te das cruzes das encruzilhadas das marcas dos marcos dos teus percalços?)

— Sentia teu hálito sufocante e boca estuante, perdida, a abocanhar os pássaros do sofrimento em teus almoços sem alvoroços.

— O perdão que pedias eram perdidas lágrimas que dessedentavam tua corola de cálice estraçalhado.

— Os sorrisos que algumas vezes te caíam em cachoeiras de borbotões, eram os cachos das tuas deselegantes esquinas das tuas quizílias sem dobradiças.

— Rapineiro de ti mesmo, abraçavas o urubu do teu coveiro e apontavas o seu bico adunco em direção a tuas carnes sangrantes.

— Carniceiro primeiro, deglutias-te enquanto te ingerias na piscina rubra do negro sol que não te iluminava jamais.

— Quase exausto, nariz no pó em que te espojavas, quadro negro da tua lição de vida descolorida, frêmito sem frenesi, poeira abandonada em qualquer calçada, limo das tuas indolências, abscesso da tua separação, recôndito das urzes e abrolho da tua seara, perdigueiro sem olfato rodeado de doiradas perdizes, não as achavas porque te imolavas como hóstia consagrada ao ostíolo do pequeno orifício da tua demanda íntima de furúnculo invertido. Furúnculo invertido? Sim, tua expansão não tinha nem consideração (ocultava-se e envergonhava-se) e a tua colheita de pus interno era o alimento que oferecias em cálice de exaltação à tua interna ou íntima lanterna das luzes putrefatas.

Mas, voltando ao toque da mão do perdido aí atrás com a proeza do que tem puro e aprumo, arrumando-se os dois, sentaram lado a lado nas pedras dos seus caminhos e nos descaminhos do que arfa, achou banco de comiserção o sucessor do seu irmão.

Sucessor de mim, eu encontrei a minha tenda de Marfim.

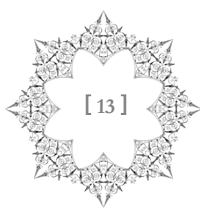
Eu me sucedi em mim mesmo e encontrei o meu espólio à minha frente, antes do derradeiro encontro do fim do meu verdadeiro encontrar.

O meu sucessor de mim, será que ele está mesmo afim? Temos só afinidades ou minhas rezas de pés descalçados conseguiu encontro de veludos calçados, onde minha prisão de armadilha encontrou minha herança em vida perseguida?

Sucesso, SUCESSO, encontrei eu, eu o dantes, eu o significante insignificado, o meu significado e a minha posteridade.

Irmão meu, meu sucessor, se te encontro, o sucesso de minha caminhada é ouro em minha diamantina calçada. O diamante foi o imã que nos conjugou e o jugo em comum é o desenlace de harmonia do casal que procura a mansão do encontro e o reencontro com quem fugia de mim(meu sucessor) com a minha insignificância (eu, o antecessor) é o sucesso em poder partilhar e compartilhar o abraço universal.

Eu, o Sucessor de Mim



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pressa de ser feliz

Por Barbie DOG

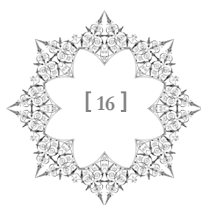
Sophia de Almeida Guimarães, Barbie DOG, é rapper, poeta e escritora. Sua escrita é focada em temas políticos, crime, terror psicológico e sobrenatural, religião, espiritualidade, filosofia, sociologia e sexualidade. Gosta sempre de trazer aspectos pessoais para as suas obras, sabedoria de vida, relatos, opiniões, e exemplos do cotidiano.

De repente...
Olha o tempo que se passou!
Faz anos que não vejo...
Aquele homem que me amou.
De repente...
O tempo para, congela!
Me sinto presa...
Como se estivesse em uma cela!

O tempo é algo mágico...
Ao mesmo tempo que cura,
O tempo é trágico!
A ansiedade derruba forte,
Tento apressar a vida,
Penso na morte...
Tenho pressa de ser feliz,
Conquistar meus sonhos,
A vida que sempre quis.
Então, paro e penso...
E depois de conquistar?
Que tenso!
Será a vida um jogo eterno?
Qual será a raiz...
De meu conflito interno?
A alegria está no pequeno,
Buscar ela fora de nós...
Esse é um grande veneno!
Veneno este que tenho vício...
Depressão e ansiedade?
Ossos do ofício!

A vida é puro dinamismo,
Dizer que ela é fácil?

Isto seria um eufemismo!
O desapego é necessário...
Gosto de ver com poesia,
Mantenho um diário.
A vida, às vezes, me tira a poesia...
Vejo tédio no lugar de calma!
Tenho pressa de ser feliz,
Conquistar meus sonhos,
A vida que sempre quis.



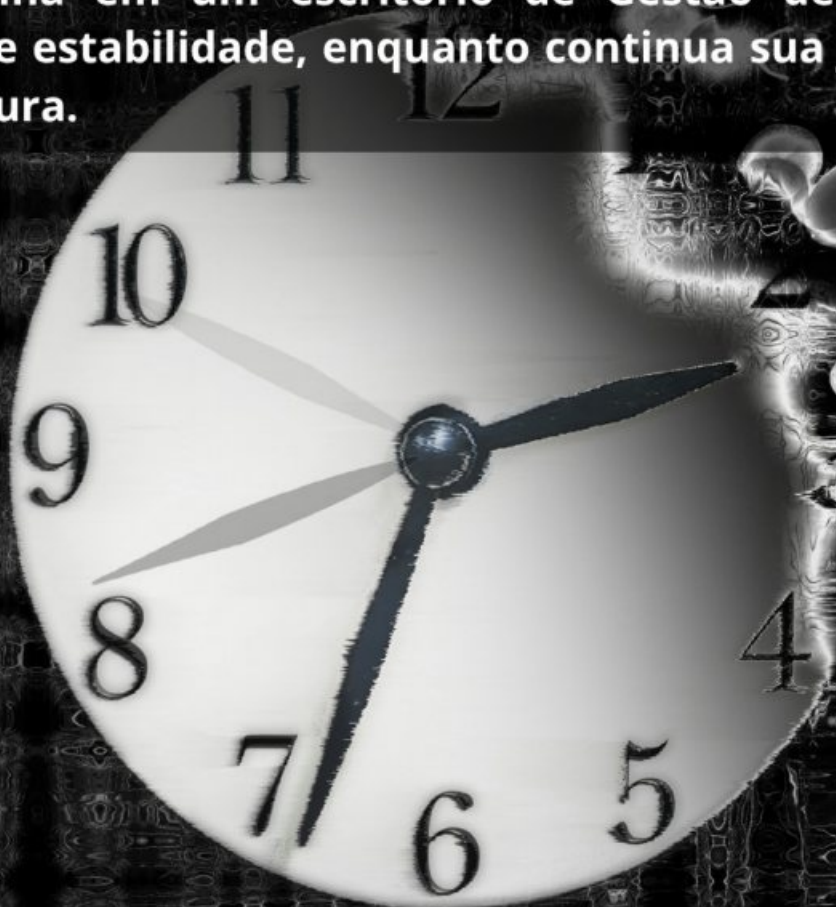
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

BLOSSOM no tempo

Por Belle

Apesar das dificuldades do passado, Isabelle Leandro se dedica a curar-se a cada dia. Seja através do tempo que passa com seus gatinhos, das sessões de terapia ou da escrita, ela busca formas de entender e expressar seus sentimentos.

Atualmente, trabalha em um escritório de Gestão de Ponto de Venda, em busca de estabilidade, enquanto continua sua jornada de autodescoberta e cura.



às vezes, eu desejo voltar no tempo,
corrigir os meus erros, *florescer de novo*,
fazer e dar o meu melhor,
principalmente com aquele que é tão frágil,
*mas tão **precioso**, **significativo**, em todo o seu valor.*
Então, penso que é natural esse *desejo de recomeçar*,
de fazer diferente, sem tropeçar,
mas eu sei que o tempo não pode voltar —
ele apenas nos ensina a crescer,
como flores que desabrocham
com a dor no inverno,
com a promessa da primavera.
Talvez, se eu voltasse, não aprenderia o que aprendi,
e o meu presente não teria esse sabor.

o tempo, nessa duração de momentos,
que contabilizamos em horas, dias e pensamentos,
serve para nos ensinar, para nos moldar,
e, infelizmente, não podemos querer mudá-lo, apenas por errar,
ou só porque o solo ainda não estava pronto
para o que plantamos lá.

há arrependimentos que, como sementes,
nos desafiam a crescer, a florescer,
em direção à luz, ao aprendizado.
A fazer o nosso melhor possível,
mesmo quando a dor ainda marca a nossa raiz.
E, se eu tivesse um manual, um passo a passo,
eu saberia de tudo, sem erro, sem descanso,
porque viver sem surpresas, sem dor, sem sentir,
não é viver, e muito menos existir.

então, **sim**, às vezes, eu sinto vontade de voltar,
recomeçar onde a semente não germinou,
onde o começo foi doloroso e incerto,
mas vejo, ao olhar para o **agora**,
que *cada folha, cada ramo,*
foi criado nos segundos que passamos juntos.
O que vivemos, com intensidade, me faz crescer,
e o tempo, *com suas durações de ciclos a passar,*
é o que me permitiu e vai permitir,
para sempre, te amar.

sim, às vezes eu tenho vontade de corrigir o começo,
mas ao olhar para trás, vejo o que fomos, o que fizemos.
Fui escolhida, e dentro do que pude oferecer,
dentro dos meus limites, *eu plantei o melhor que pude,*
e eu desejo que isso me faça feliz, porque se o tempo voltasse,
outro jardim poderia ser escolhido,
e eu não teria vivido o florescer que somos agora,
porque isso me faz feliz mais do que qualquer outra coisa.
Por isso, **gostaria, mais do que tudo, de perceber o que importa,**
que não é corrigir o que passou,
mas florescer no tivemos.
Deixar que o tempo me molde mais,
crescer, aprender, amar mais,
e seguir em frente com raízes mais fortes.

talvez, outra tutora em meu lugar fosse a *mais-querida*,
mas no final, eu sei o que vivi, eu sei a **gezelligheid** que senti,
e eu não trocaria isso por nada neste universo,
porque mais da metade da sua vida, com você, eu vivi.

~ estado de conforto, acolhimento e bem-estar, geralmente experimentado em boa companhia ou em um ambiente caloroso e familiar. Tratando-se não apenas de um lugar, mas da atmosfera emocional que o acompanha. No holandês, isso é “Gezelligheid” ~



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Em tempos

Por Camila Silva do Nascimento

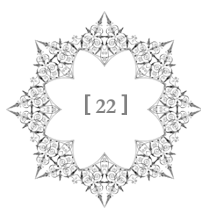
Professora desde 2009, já publicou um livro de poesias da sua adolescência e um outro com os seus alunos do ensino médio. Ama estar em sala de aula, se sente feliz por possibilitar o conhecimento a tantas pessoas.



Em tempos... Em que
não temos mais tempo
somos forçados a organizarmos a vida
antes sem tempo, agora de sobra...
Sobra tempo, falta sanidade...
Somos obrigados a puxar os freios,
antes acostumados ladeira abaixo!

Então, esse é o momento
de aproveitar a casa, estar com a família,
aceitar o ócio (criativo), e
sentir prazer nas coisas simples.

Porque o que está lá fora
não é simples,
mas serve para nos mostrar
que a união é importante,
que o respeito é necessário, e
que a dor de um é
a dor de todos...



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Enquanto houver memória

Por Cesar dos Santos Buracoski

Cesar é formado em Administração pela Uninove, atualmente cursa pós pela Unip, divorciado, Pai de 2 filhos, a Celine de 10 anos e do Miguel de 08 anos, namora a Lauryene Holey, por quem é apaixonado. Tem como a paixão escrever seus pensamentos em forma de poesias, acredita que a vida devolve tudo que você emana ao mundo e que a poesia tem participação fundamental na forma como enxergamos e reagimos ao mundo.

Quem ama é refém do tempo.
Do tempo, do amor, e da memória
Quando distante, se quer correr o tempo
Quando juntos, se quer parar as horas

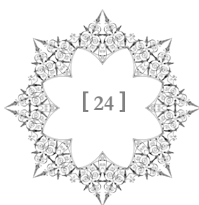
O amor com o próprio tempo aprende
A compreender essa relação
Que para o amor é tão importante o tempo
Que juntos, só fortalecem a união

Agora pergunto a você
que já viu o amor nascer,
crescer e amadurtecer
Se acha justo essa relação
Quando a memória já cansada do tempo
resolve entrar na questão?

Pergunto ao leitor se acha justo
Que comece a faltar a memória?
De um amor não se lembrar
Por um segundo, se quer uma hora?
Que todo amor vivido
Derepente, da mente ir embora.

Só deveria sofrer desse mal
Quem carrega o dezamor,
Já pensou não lembrar o desafeto?
E na memória, só ter espaço o amor?

Preste atenção na promessa,
Essa que lhe farei agora.
Se minha mente não perecer ao tempo
Se eu puder envelhecer com essa glória
Amarei hoje, amanhã e sempre
Amarei enquanto houver memória.

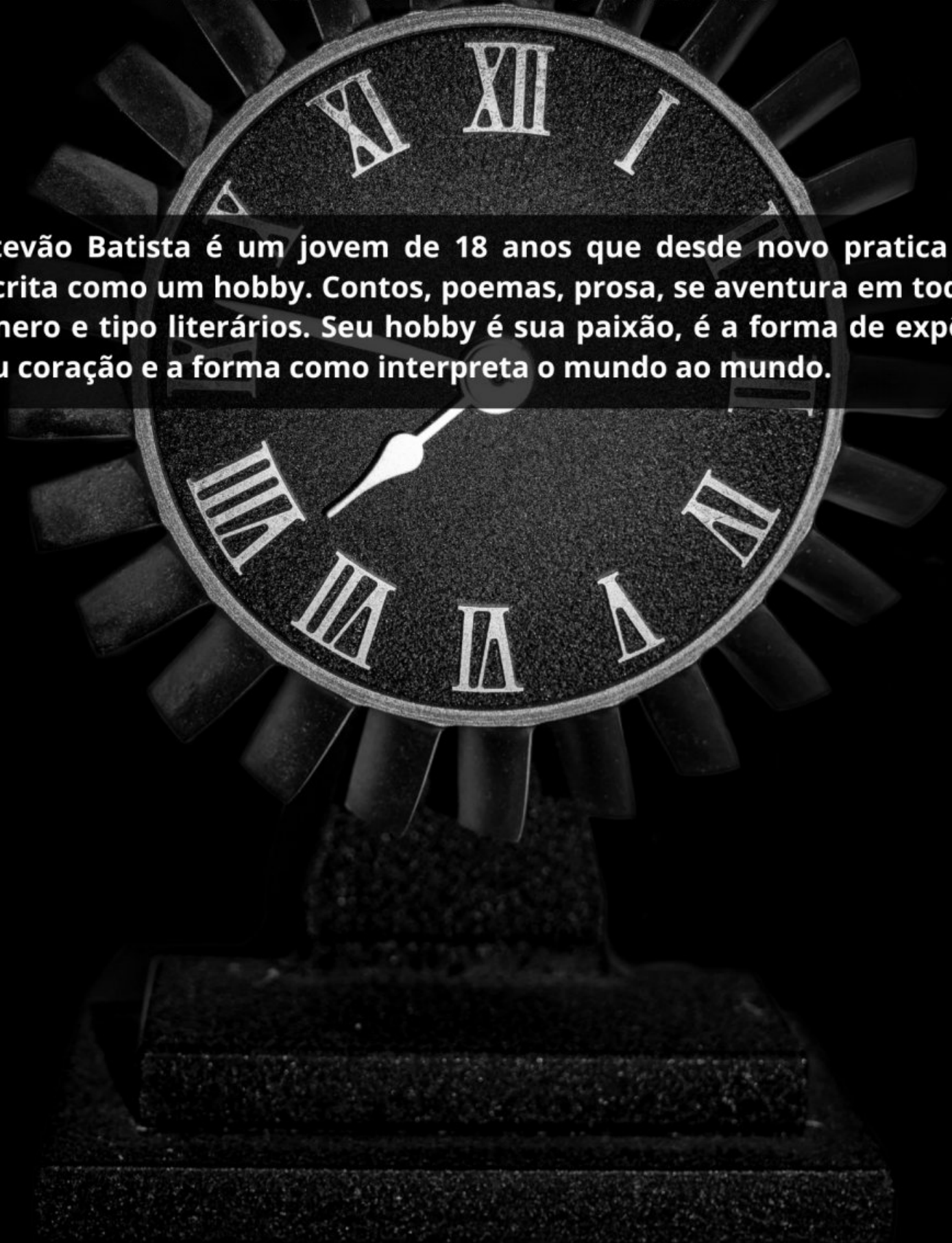


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Fim

Por Estevão Batista de Moraes

Estevão Batista é um jovem de 18 anos que desde novo pratica a escrita como um hobby. Contos, poemas, prosa, se aventura em todo gênero e tipo literários. Seu hobby é sua paixão, é a forma de expôr seu coração e a forma como interpreta o mundo ao mundo.

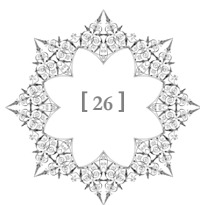


Ornamentada rosa
De lindas pétalas és
Caindo uma por uma
Sua coroa cai aos pés

O sentido da vida
Aponta para a morte
Como a bússola
Que busca o Norte

Mas não fujas do natural
Nem lute com sua amiga
A morte é aliada, não sua inimiga

E, infelizmente, não há mais saída
Se tomaste fôlego, tomaste noção
O fim é inevitável para toda canção



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Implacável tempo

Por Estevão Batista de Moraes

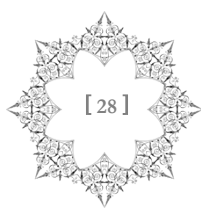
Estevão Batista é um jovem de 18 anos que desde novo pratica a escrita como um hobby. Contos, poemas, prosa, se aventura em todo gênero e tipo literários. Seu hobby é sua paixão, é a forma de expor seu coração e a forma como interpreta o mundo ao mundo.

Toda história tem seu fim
Sem fim ou em razão
De uma canção se cantar

Implacável tempo
Poderoso e sem perdão
Transforma toda grande paixão
Em memória perdida mente adentro

Que medo tenho do amanhã
Em cada manhã
Perco o tempo que me cabe
Fazendo ensurdecador alarde

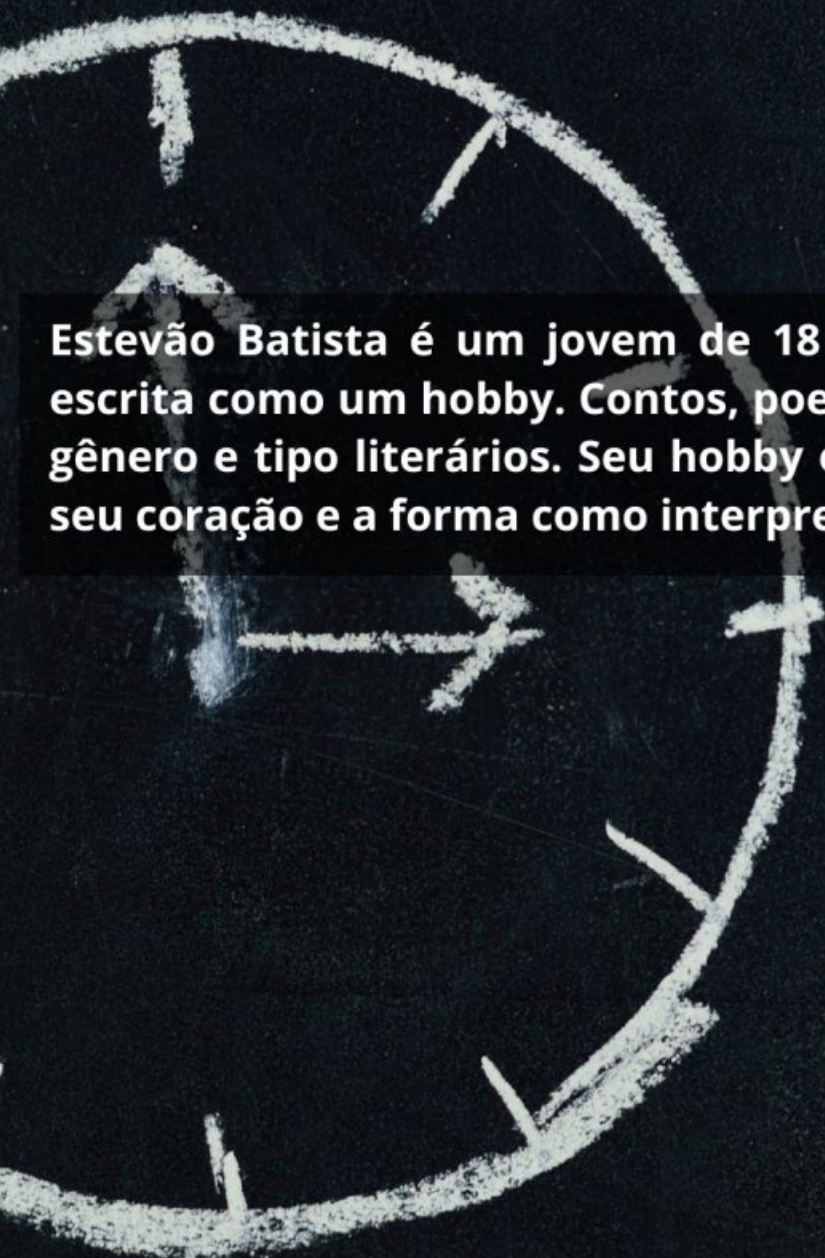
Sobre o que se foi
Sobre o que será
Tempo de açoite
Que me açoita aqui e acolá



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ó, tempo

Por Estevão Batista de Moraes



Estevão Batista é um jovem de 18 anos que desde novo pratica a escrita como um hobby. Contos, poemas, prosa, se aventura em todo gênero e tipo literários. Seu hobby é sua paixão, é a forma de expôr seu coração e a forma como interpreta o mundo ao mundo.

Ó, *maldito* Tempo
Prisão dos perdidos
Corrente dos perpétuos

Infortúnio dos esquecidos
Condição dos desejos
Decreto da paixão do singelo

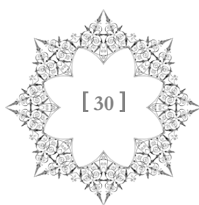
Túmulo de promessas vãs
Refinador das juras de amor
Prova do intuito sincero

Ó, *bendito* Tempo
Detentor dos segredos
Curador das feridas

Fogo que refina
Tempero do bom vinho
Abafador da tormenta

Ó, *alento da euforia*
Conte-me os segredos que guardas de mim
Aquieta-me de teu confuso destino

Ferramenta dos sábios
Perdição dos aflitos
Ó, *és tu, Tempo!*



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sobre o tempo

Por Gilvann Olliveira

Gilvann Olliveira é poeta e escritor maranhense. Iniciou sua jornada literária recentemente, explorando temas como o tempo, a existência e o autoconhecimento. Sua escrita é marcada por uma linguagem introspectiva e sensível, sempre voltada à reflexão sobre o ser. Considera a palavra como expressão de liberdade e transformação.

Naquela infância,
acreditava-se que tudo era felicidade.
A tristeza se resumia a eventos breves.
Mas nada dura para sempre, nem mesmo a infância.

De forma sorrateira, o que é criança se torna algo que não é adulto.
Se perde no tempo e no espaço,
buscando de forma fragmentada uma identidade que se confunde
com as transformações físicas e mentais,
com a obrigatoriedade da definição de papéis sociais.

O tempo deixou de ser presente, e o que nos resta é futuro.
Tão incerto quanto a travessia do Saara a pé,
tão provável quanto a escalada do Everest usando apenas camiseta e jeans.

Agora, um ser adulto trava uma luta incessante com sede de sobrevivência.
E o tempo deixou de ser passado,
tornando-se apenas um presente bem próximo.

Nessa hora, não se sabe onde ficou o passado.
Nada é mais como era hoje.
Só nos restam as expectativas do ontem,
que se esqueceram nas lembranças do amanhã.

E o tempo já não é mais tempo,
pois ele se perdeu no meio do caminho,
no horizonte sozinho,
pensativo,
contemplativo,
buscando respostas,
seguindo as horas que nunca passam.

E o tempo parou...
Nos dias seguintes,
com o gostinho de “não quero mais”.

E já não há mais tempo.

FIM DA ESTRADA!!!

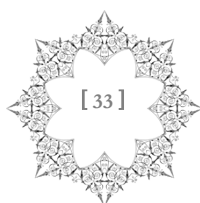
O tempo não determina nada,
é apenas uma pedra no meio da caminhada.
Tudo termina, tudo começa,
num ciclo vicioso de eterno viver.

É começo,
é fim,
é recomeço,
é o eterno advir.

Já foi-se o tempo em que o hoje se tornou.
Mas ele, o tempo... ele volta.

Há tempo pra nada ou quase nada.
Há tempo pra tudo.
Em todo dia,
a toda hora,
em cada minuto.

Só nos resta pensar que a eternidade é a morada do tempo.



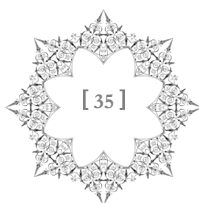
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O amor no tempo

Por Gladiston de Jesus Marques Silva

Gladiston Marques nasceu em São Luís-MA. Graduiu-se em ciências contábeis, com pós-graduação em gestão pública, é licenciando em Letras – Português. Atua como servidor público no Ministério do Trabalho e Emprego. É músico, toca clarinete soprano e clarone baixo, casado com a musicista Milce Frazão. É artesão, escritor e poeta. Escreveu as seguintes obras: A Poesia é Mistério (em Antologia Poética – Sarau Brasil 2016) e Conflito do poeta (em Novos Poetas Maranhenses – Prêmio Literário Gonçalves Dias 2019), entre outros poemas, crônicas e contos não publicados.

Quanto leva o tempo se o amor não tem?
Que a infinidade não se amolda ao tempo
Se se vive de amor no pretérito!
Conjugação impossível!?
Tempo psicológico!?
Cronologia reversa!?
Ah! Amor, não me escape do presente
Ah! Presente, não me esqueça do amor
Mas se porventura me achar
No descompasso entre amor e tempo
Permita-me viajar no tempo
E em tempo, perder-me no amor.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

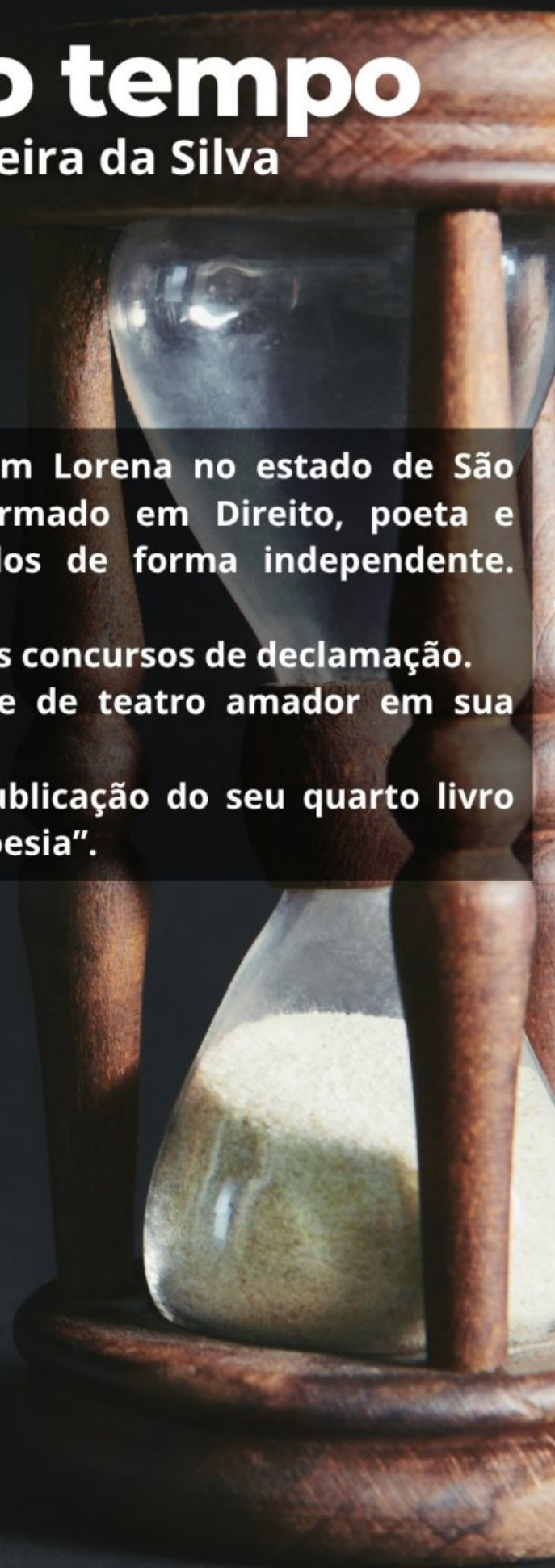
Contando o tempo

Por Ildebrando Pereira da Silva

Ildebrando Pereira da Silva, nasceu em Lorena no estado de São Paulo, tem 73 anos, aposentado, formado em Direito, poeta e declamador com três livros publicados de forma independente. Participou de algumas coletâneas.

Tem poemas premiados e venceu alguns concursos de declamação. Participou de grupos de canto coral e de teatro amador em sua cidade.

Atualmente trabalha no projeto de publicação do seu quarto livro que terá o título de “Por onde anda a poesia”.



No momento do parto,
a ampulheta da vida,
determina de fato
a hora da partida.

Naquele instante a bagagem
prontamente é carregada,
com tudo que levaremos
pela nossa caminhada

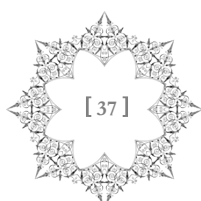
Sonho, esperança,
conquista, ilusão,
amor, alegria e vitória,
perdem-se pelo chão,

pois, logo o presente
transforma-se em passado.
são infinitas partículas
que os dias têm contado.

E o seu conteúdo
que foi rocha de belo nome,
hoje, a erosão do tempo
de repente o consome

Cada grânulo de areia
que se esvai pelo funil,
é uma conta que se apaga
na tela do céu de anil.

Agora, na ampulheta,
o vazio ocupa um lado,
do outro, de um mundo resta
o que em pó foi transformado.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quase-soneto do espaço-tempo

Por Jaff Silva

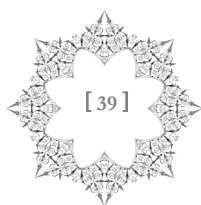
Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP. As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras.

O tempo abraça o espaço
E expandindo o universo
Bailam no mesmo compasso
Desde que tudo existe.

Eu tenho um sonho antigo
De numa noite bem triste
Dançar apenas contigo
E ver que o amor (co)existe.

Eu-você colapsaríamos
Em várias singularidades
Que explodiriam em cores

Dessas novas multi realidades.
Nelas nós conviveríamos
Infinitos eternos amores.

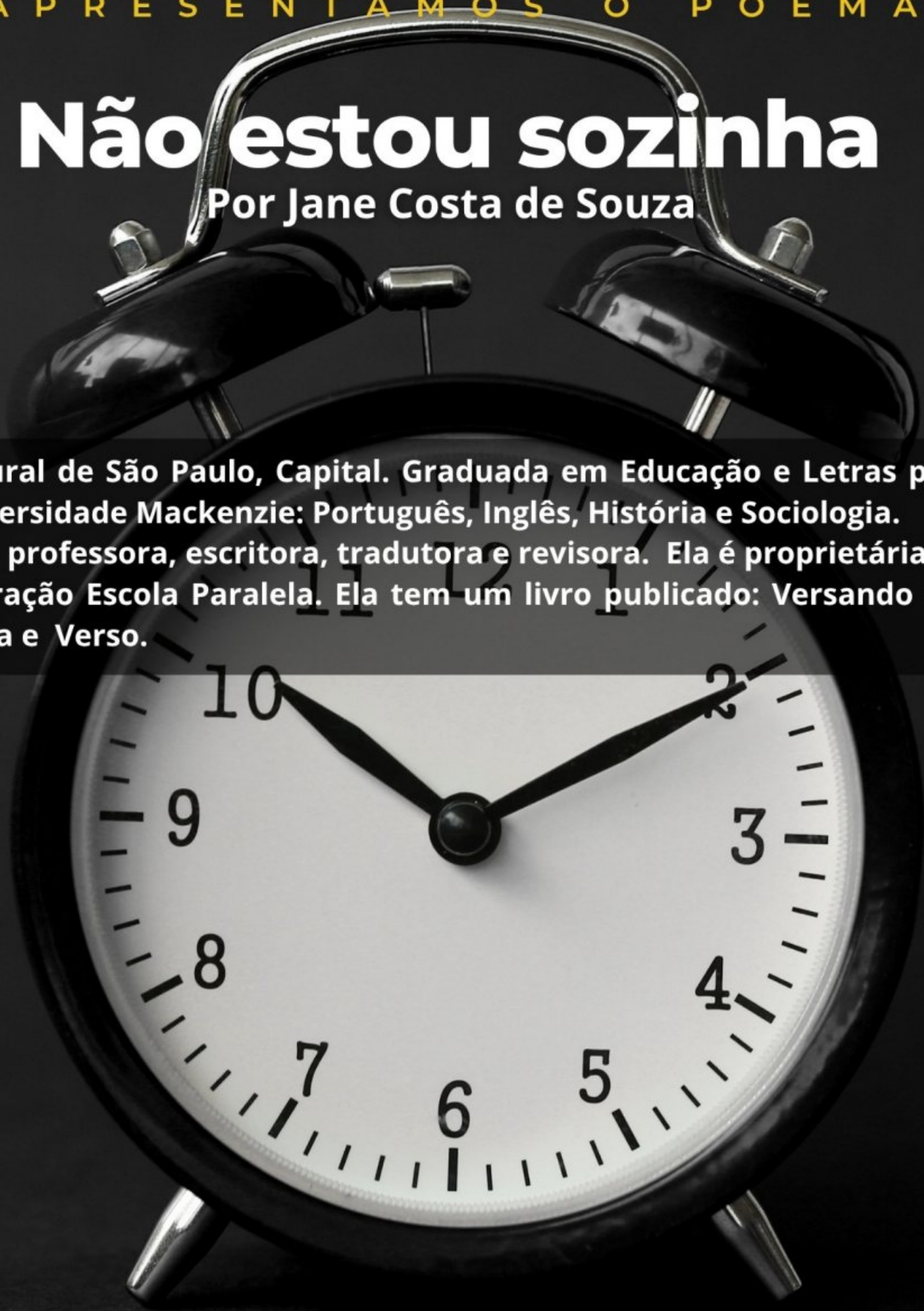


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Não estou sozinha

Por Jane Costa de Souza

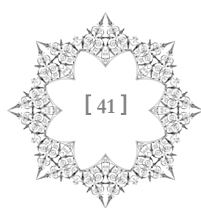
Natural de São Paulo, Capital. Graduada em Educação e Letras pela Universidade Mackenzie: Português, Inglês, História e Sociologia. Ela é professora, escritora, tradutora e revisora. Ela é proprietária da Interação Escola Paralela. Ela tem um livro publicado: Versando em Prosa e Verso.



O relógio dos insones toca
Anuncia uma chegada
Uma foto chama meu olhar
Palavras de pensadores no livro que leio
Estou com eles, eles estão comigo

Uma música na vitrola
Palavras cantadas, versadas, lembradas
Associo-me a esse fruto de teclados
Guitarras, vozes
Violões
E minha cabeça dança nos meus neurônios
Sapateando ao pulsar do meu sangue
Fico triste, fico contente

Não estou sozinha
Comemoro, agradeço, respeito
Escuto, me emociono, me tenho de volta no tempo-agora
Escuto, choro, me tenho no tempo menina-moça
Escuto, me esqueço, me tenho no tempo que não passou



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Relógio da Infância

Por Liz

Aline Maria é recém-formada em Letras e sempre teve uma paixão por escrever poemas, poesias e crônicas. Quando está inspirada, ela se desmancha em desabafos literários em seu bloco de notas. Sendo uma pessoa intensa, Aline gosta de transmitir emoções profundas em suas obras. Sua escrita reflete sua sensibilidade e busca por expressar o que sente. Com um olhar atento para o mundo, transforma suas vivências em palavras que tocam o coração. A literatura é sua forma de conexão com sentimentos e experiências. Assim, Aline continua a explorar o poder da escrita em sua vida.

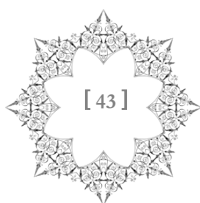
Saudades, eu sinto mesmo é da infância,
onde os sonhos eram cabanas na sala,
medos limitados ao dentista que avança,
e desejos se guardavam em sorvetes na gala.

Onde as amizades fluíam, como vento no ar,
sorrisos mais sinceros, risadas sem fim,
amigos ao meu lado, prontos pra brincar,
um tempo tão doce, onde tudo era assim.

Saudades, eu sinto mesmo é da infância,
onde o carinho e o afeto reinavam em paz.
Na vida, há pessoas e momentos que dançam,
mas saudades... saudades eu sinto sempre mais da infância.

Onde o relógio eram apenas ponteiros a girar,
sem correria, apenas o tempo a me abrigar.
Hoje em dia fracassei em gostar de esperar,
trago na memória a garota que achou bonito.

Ponteiros de relógio marcam um passado,
tênuas memórias que o coração guarda bem.
Saudades da infância que eu tenho apaixonado,
um tempo de magia que nunca mais vem.

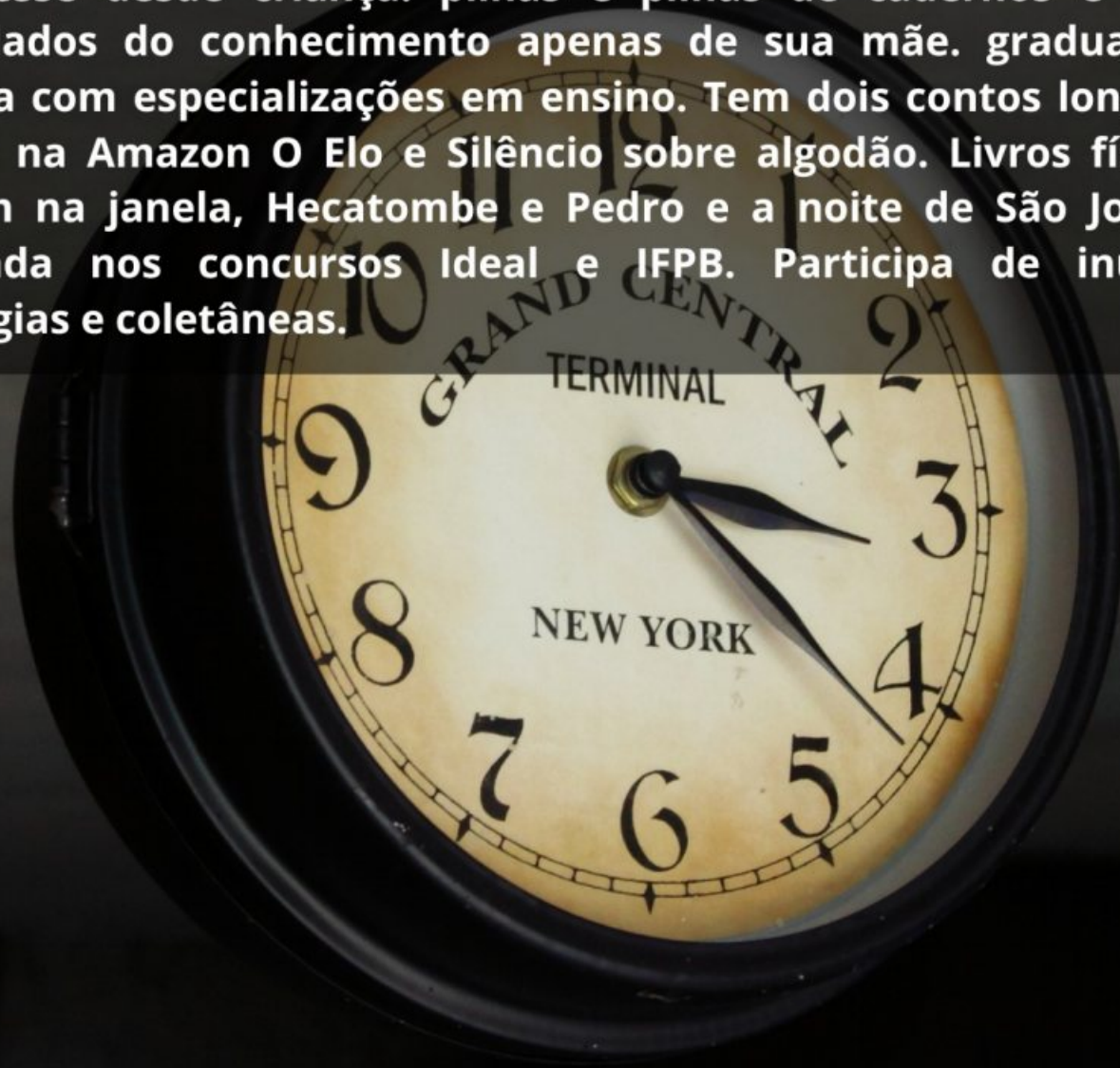


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo levou

Por Lucirene Façanha

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do Sesc embora escrevesse desde criança. pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. graduada em história com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon O Elo e Silêncio sobre algodão. Livros físicos O homem na janela, Hecatombe e Pedro e a noite de São João. Foi premiada nos concursos Ideal e IFPB. Participa de inúmeras antologias e coletâneas.



Percorri uma estrada natural
Desvendei palmo a palmo
Vivi a terra sob meus pés
Adentrei o rio, me preencheu
Hoje, como explicar,
você chega mais o amor nao vem
Os dias passam lentos
O sol foi embora
A tempestade me devora
Numa dor sem fim

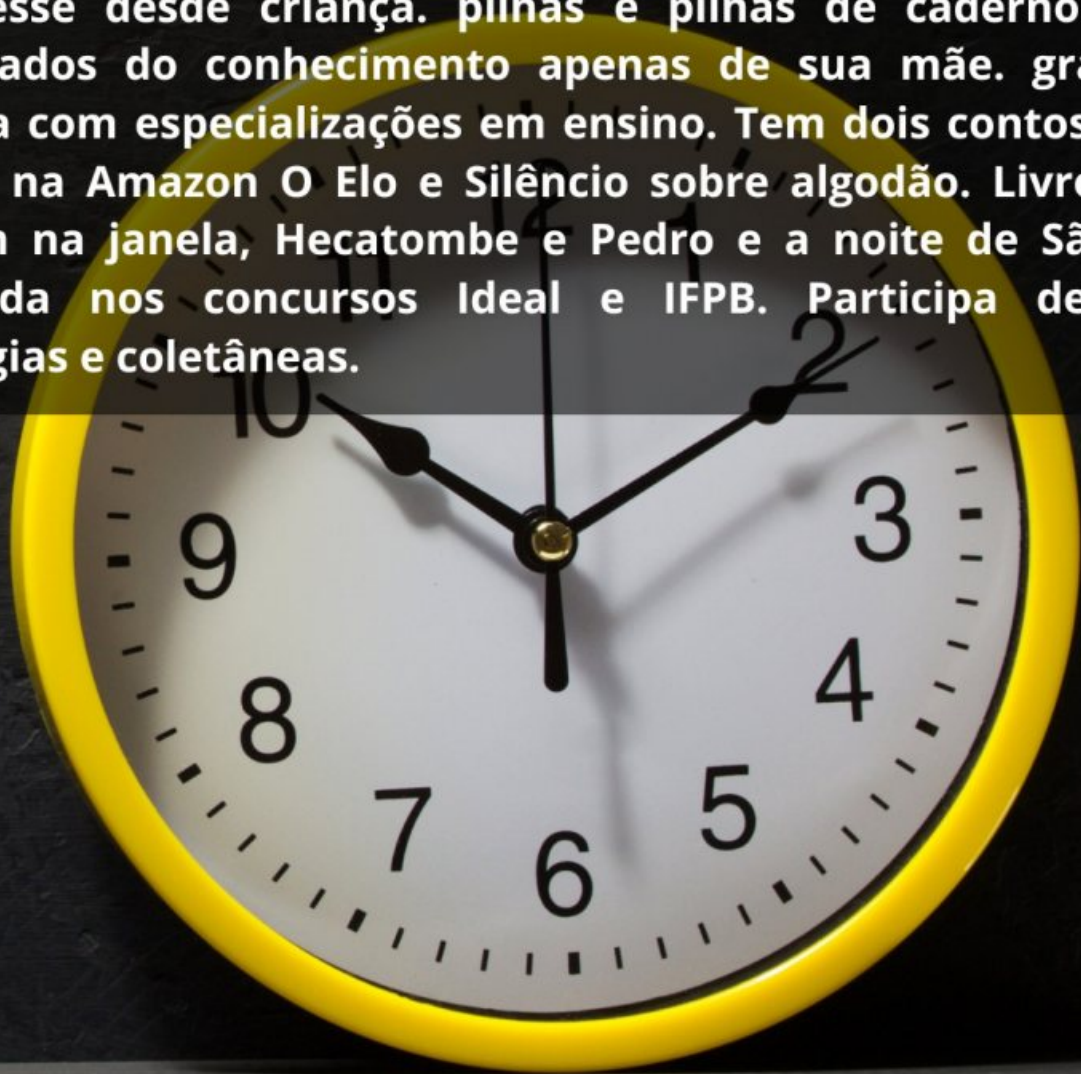


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Quereres

Por Lucirene Façanha

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do Sesc embora escrevesse desde criança. pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. graduada em história com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon O Elo e Silêncio sobre algodão. Livros físicos O homem na janela, Hecatombe e Pedro e a noite de São João. Foi premiada nos concursos Ideal e IFPB. Participa de inúmeras antologias e coletâneas.



Quis ser adulta, um dia.

Assim faria o que desse vontade e achasse certo.

Teria liberdade de ser, de fazer.

Não pode voltar a ser criança...

Ter o cheiro doce de lavanda do pescoço da mãe, misturado ao quase sabor do cachimbo que pitava.

Pensar apenas nos banhos de açude.

Na mangueira carregadinha de frutos.

Em ter alguém que dissesse com o coração o que é melhor para ela.

Queria de volta quase nada, minúsculos instantes, de verdade, de riso, de sentimento puro, mais nada...



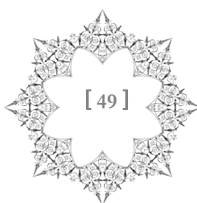
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Romanesco

Por Lucirene Façanha

Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do Sesc embora escrevesse desde criança. pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. graduada em história com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon O Elo e Silêncio sobre algodão. Livros físicos O homem na janela, Hecatombe e Pedro e a noite de São João. Foi premiada nos concursos Ideal e IFPB. Participa de inúmeras antologias e coletâneas.

O tempo some entre os dedos como areia fininha dos lençóis maranhenses.
A urgência, se torna palpável, muito embora, como todos seus sonhos, guardados.
Quem sabe um observador
visse
no fundo dos seus olhos
que nada de sonsos tinha,
a grande vontade.
Horas a imaginar caras e bocas
quando fosse sua vez.
Chega seu dia.
Turbulência,
como muito do que lhe acontece.
Feliz, grata e apavorada
ao reconhecer as mudanças,
as reviravoltas em sua vida.
Como se não mais fosse a mesma pessoa.
Os filhos crescem, rápido.
Depois de um tempo,
você se descobre um monstro,
mesmo ao abdicar de tudo,
deixar de viver para que vivessem.
Culpas.
Culpam.
Pela orelha, cabelo, pés tortos.
Por não ter brincado, por brincar demais. Por não dar o céu...
Por estudar, trabalhar, serem alegres ou tristes. Derrotas ou sucesso.
São para a vida toda.
São para o mundo.
O mundo?
Distrata. Agasalha. Ensina.
O tempo, esse escapa, para quem não o enfrenta.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

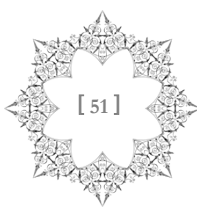
Vivos aqui dentro

Por Lucirene Façanha



Lucirene Façanha se fez escritora nos projetos do Sesc embora escrevesse desde criança. pilhas e pilhas de cadernos e diários amarelados do conhecimento apenas de sua mãe. graduada em história com especializações em ensino. Tem dois contos longos em e-book na Amazon O Elo e Silêncio sobre algodão. Livros físicos O homem na janela, Hecatombe e Pedro e a noite de São João. Foi premiada nos concursos Ideal e IFPB. Participa de inúmeras antologias e coletâneas.

Os que se foram, permanecem vivos dentro de mim.
Sensato, então, comemorar o aniversário. Mesmo no silêncio, no calar dos meus dias.
Amo, como se presente estivessem.
Não costumo esquecer, defeitos,
nem alardear virtudes.
Penso também nos atritos e divergências, pois não os esqueci.
Assim como eu,
questionadores, teimosos,
duros nas tantas e quantas quedas da vida,
me entendem, juro que sim.
Sem perder a compostura e a doçura das horas leves.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Café amargo

Por Luiza P. Vaz-Tostes

Luiza P. V. Tostes é mineira, médica formada pela UFMG e apaixonada pela interseção entre ciência e sensibilidade. Tem 26 anos e escreve como quem busca sentido — em si, no outro, no mundo. Sua escrita transita entre o existencialismo e o lirismo, inspirada por autores como Drummond, Dostoiévski e Fernando Pessoa. Participa de concursos literários como quem assina cartas para a própria alma, acreditando que a literatura pode ser abrigo, denúncia e afeto.



Um homem magro, já idoso e curvado. Andava sempre com passos apressados. Cumpria os mesmos rituais todos os dias: café amargo pela manhã, caminhava até o trabalho, onde passava seis horas diante de um computador, atendendo telefonemas.

Certo dia, como qualquer outro, chegou um minuto antes do início da jornada. Às 7h em ponto, o telefone tocou. Ele atendeu com a secura de sempre:

— Como posso ajudar?

Para seu espanto, reconheceu a voz. Era sua neta, de apenas sete anos.

— Vovô... tô com saudade. Você não me visita mais.

Houve um breve silêncio.

— As horas são corridas, minha menina... mas irei te ver. — disse ele, antes de desligar.

Aquela ligação o paralisou. A voz suave da neta ecoava em sua mente, abrindo uma rachadura na parede da rotina. Pela primeira vez em muito tempo, pensou: “Para onde foram aquelas horas derradeiras? Como me tornei tão velho sem perceber?”

Não via o tempo passar. Deixava os minutos escorrerem, soterrados sob a monotonia dos dias. Não conversava mais com os filhos, mal lembrava dos risos dos netos. Sua esposa — a única que o fazia parar — adoecera e partira havia anos. E ele... apenas seguiu em frente, sem olhar pros lados.

No dia seguinte, algo mudou.

Não tomou seu café amargo. Colocou um pouco de açúcar. Caminhou devagar até o trabalho — chegou dez minutos atrasado, pela primeira vez. E, estranhamente, saiu trinta minutos antes.

Ao chegar em casa, abriu um livro antigo. Parou num poema de Mário Quintana, que leu em voz baixa, como quem confessa um segredo ao tempo:

> “A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é sexta-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos!

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

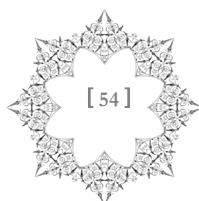
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,

eu nem olhava o relógio

seguia sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.”

Naquele instante, decidiu. Iria ver seus netos. Conversar mais. Sentar à mesa. Rir. Tornar a vida mais doce — como fizera com o café.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

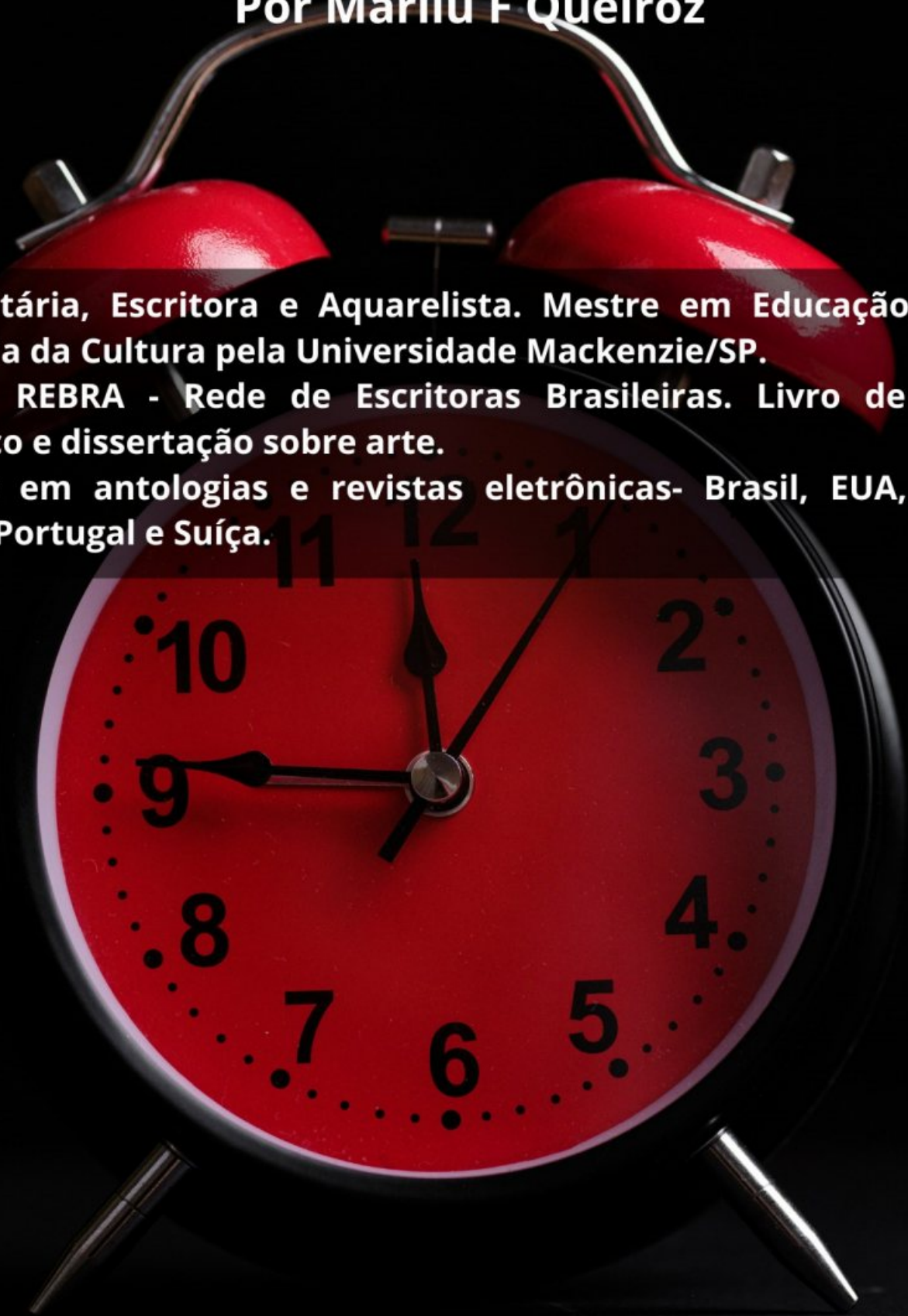
O Tempo

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



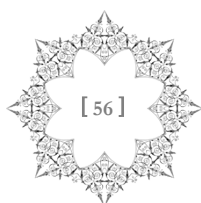
Na dança das horas, é onde o tempo flui...
Como rio que segue, não para nem recua.
Cada instante vivido, um tesouro que reluz,
a memória do ser, onde tudo continua.

O tempo é mestre, paciente e sagaz,
nos ensina a esperar, crescer e mudar.
Em cada estação, sua beleza se faz...
Ritmo eterno da vida, sem nunca parar.

A juventude é breve, um sonho a passar...
Carrega consigo promessas e esperanças.
No tempo, as lembranças começam dançar
e o futuro desponta em novas andanças.

Velho sábio, o tempo tudo vê e compreende.
Traz consigo paz e a serenidade de um olhar,
no seu compasso é quando a vida se estende...
Onde o coração aprende a amar e aceitar.

Assim, no ciclo infinito que ora nos guia,
o tempo tece histórias de amor e saudade.
Fica a lição de que a vida é sempre magia,
e o tempo, o fio que borda uma eternidade!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Apenas um ponto

Por Renata Kelly da Silva Figueiredo

Natural de Belo Horizonte, casada e mãe de dois filhos. Formada em Administração e trabalha numa empresa pública desde 2007. Desde criança, a leitura faz parte de sua rotina e a escrita foi uma consequência desse hábito. Já teve contos e poemas publicados em coletâneas e tem se dedicado a escrever seu próprio livro.

Acredita que a Arte é libertadora, em todas as suas formas, e cumpre um papel fundamental na sociedade, provocando reflexões e, sobretudo, emoções.

O que seria o passado?
Memórias impressas
Trancadas em baús?
Antigas fotografias
A nostalgia dos diários
Uma ampulheta, à luz de velas
Os troféus empoeirados
As mãos desgastadas

O tempo é tudo, o todo, o presente
É este exato momento, são estas palavras
São segundos cruciais
O voo dos pássaros

Rumo a um futuro desconhecido
O que nos resta?
Hoje é tudo que temos
Hoje é todo o tempo
O “hoje”, o agora, este exato segundo
É toda tua vida
É tudo que tens...

O ponto, o presente, a inspiração
As expectativas para além do agora
Tudo em sintonia
Caminhando numa linha tênue
No meio do cosmos

A visão do céu
E seu mistério sedutor
Desafiando a finitude
Eis o tempo!

Cronos, nascido dos céus
Alfa e ômega
Ciclo das estações
O giro infinito dos ponteiros
A linha interminável

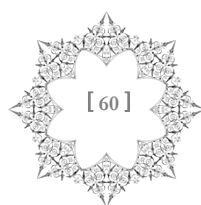
Há quem aposte em máquinas do tempo
Que possam voltar ao passado
Para reconstruir algo perdido
Para reatar amores que se esvaíram
Há quem deseje viajar com destino ao futuro
Mas, a linha do tempo é um ponto
E, um dia, será o final

Ainda que existam mundos paralelos
Ainda que haja inúmeras dimensões
No vasto universo
O tempo é uno
É, por si só, todo o cosmo
À espera do juízo final
Do ‘Crepúsculo dos Deuses’
E de geadas cataclísmicas
Mitos, cosmo, planetas
Consumidos pela divindade do tempo

Tal como uma flecha invisível
Seguindo seu destino
Segue o tempo e seus tentáculos
Carregando consigo a poeira das histórias
E deixando tudo para trás...

O antes e o depois
Separados por um ponto invisível

A vida e a morte
E sua infindável batalha
A luz e a escuridão
O ponto de partida
O ponto de luz
O ponto crucial
E o ponto final
Contudo, apenas um ponto.



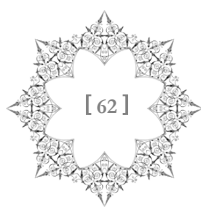
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pó do tempo

Por Rita de Cássia Zuim Lavoyer

Formada em Economia e Mercado (Salesiano-Araçatuba); Letras e Gastronomia (Unitoledo-Araçatuba); Pós-graduada em Estudos Literários e Linguística (Unesp-Araraquara) e Psicopedagogia (Unitoledo-Araçatuba). Poeta, contista e cronista. Possui 11 livros publicados. Até a presente data conta com 93 classificações em concursos literários nacionais.

O tempo quis passar correndo,
mas enfiei minha mão na poeira
que ele arrastava
rasgando a sua cortina.
Conforme ela corria,
ia formando um plissado de pó
no tempo parado
pela palma da minha mão.
No plissê pendurei o meu laço
e soltei a minha palma.
O pó caiu no chão,
o plissado ficou liso.
O laço voa no tempo
esperando que eu lhe puxe a fita.
O mundo girou parado
e tudo ficou no lugar do movimento.
Só eu fiquei fora dele.
O laço parou de voar.
Caiu sobre a minha face
plissada pelo tempo.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O tempo que o tempo tem

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Escreveu: "Limbographia", "Cinza no Céu", "Tio Vampiro", "Vozes e Ecos" etc. Participou de trezentas e setenta e cinco antologias. Contato: rschima@bol.com.br

Se o Tempo pudesse sentar-se ao nosso lado num alpendre, quantas histórias não teria para contar?

Grandes tragédias, pequenas alegrias, muitas aventuras, iguais doses de desventuras.

Talvez deixasse a humanidade de lado por julgá-la por demais mesquinha e presunçosa, além de insignificante diante do desenrolar maior das coisas.

Talvez se concentrasse no lampejo da primeira luz a afugentar as trevas, pincelando o Universo com a alegria das cores.

Ou, então, falasse sobre quando a vida surgiu — não necessariamente na Terra — e balbuciou a primeira de todas as palavras e sentimentos, provavelmente a mais melancólica: solidão.

Poderia também refletir sobre como um evento aparentemente insignificante aqui iria ter consequências de maior amplitude lá adiante, em outro lugar, quiçá muito além, como peças de dominó tombadas pelo destino.

Poderia contar num sussurro que a sementinha da vida já nascia com o fardo da morte, mas, filosoficamente cogitando, a morte não traria o fim em si mesma, porém o início de uma outra jornada.

Então, pediria um copo de água ou uma xícara de chá para umedecer a garganta e colocar as idéias em ordem. Quem sabe, não haveria um biscoito ou bolinhos de chuva para acompanhar?

Sentir-se-ia cansado, muito cansado de tudo o que vira, de tudo o que presenciara, as lições aprendidas e prontamente esquecidas. Sonhos desfeitos. Realidades mal feitas. A gota de tinta era a mácula do oceano.

Ah, sim, eventos grandiosos aconteceram, edificantes e memoráveis. Mas ele era o Tempo sem tempo, um tanto casmurro, um tanto senil, impaciente. Cantarolaria:

*Fadado a permanência,
a eterna existência.
Oh, cuja essência
é somente existir,
mas foi penitenciado,
guilhões algemado,*

pelo poder de refletir.

E, então, levantar-se-ia para ir embora, espreguiçaria, endireitaria a coluna, por mais que desejássemos saber mais, ouvir tantas e tantas histórias, compartilhar sua infinita experiência, sua enorme sabedoria.

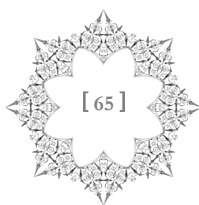
Num meio sorriso, ele responderia, quem sabe, que de uma vida tão longa que, como Tempo, possuía, o que mais gostaria, além de poder esquecer, seria o privilégio que todos nós temos de se deitar em um amplo gramado, deixar-se ficar e, apenas, perecer.

NOTA DO AUTOR:

O texto acima faz parte da noveleta "Tio Vampiro", que escrevi em homenagem ao ficcionista R. F. Lucchetti, falecido em 04/04/2024. Presumo, porém, que, enquanto prosa poética, possa ter algum mérito próprio.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/rubens-francisco-lucchetti-o-tio-vampiro-por-roberto-schima/>

<https://play.google.com/store/books/details?id=Ef8QEQAQBAJ>



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A medida do tempo

Por Romero Pio

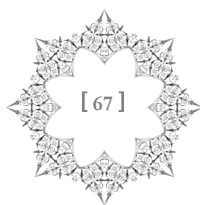
Romero Pio é Servidor Público do TJPE, Gestor em T.I, Desenvolver de softwares, escritor e poeta. Ao longo dos anos vem conquistando variadas premiações literárias como a segunda posição no 4º Prêmio da Academia de Letras de Penedo 2019. Lançou seu primeiro livro de poesias em 2023, Sons de Rimas e Ventos.



Eu vi mas não quis encarar
Pois ele é como o cimento
Que cobre o vazio que há
E veste a voz do momento
Como se quisesse calar
O fogo que é a luz do sedento
Que engole a terra e o ar
Na chama exposta ao vento
Da vela que insiste em queimar

Mas tempo é tão cheio de vida
A vida é tão cheia de dor
Que sangra feito uma ferida
Que arde em nome do amor

Pudesse encontrar uma saída
Soubesse viver com louvor
Te juro morria minha vida
Nas pétalas da tua flor
E o tempo seria a medida
Que mede o tamanho do amor

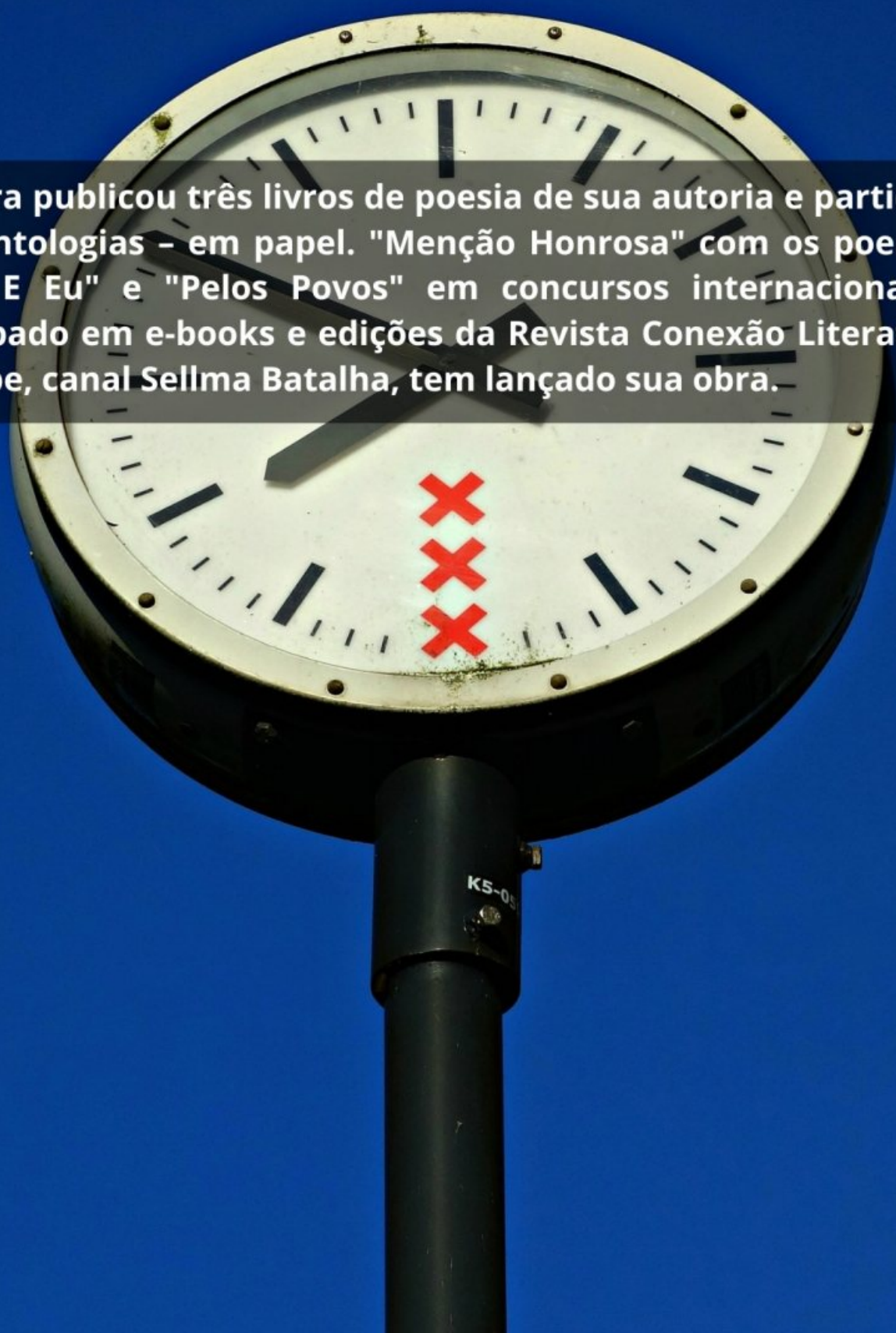


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempo... Tempo!

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Uns dizem que não existes...

Outros que sim.

És ilusão?! És desilusão?!

Por acaso, nossa invenção?

Mas e as memórias

do meu passado?

E o constante caminhar

para o depois do hoje?

E os nossos antepassados,

que no seu tempo,

passaram?

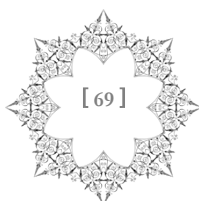
Eu agora, no presente

amarrada...

mas, ao prévio conectada...

e ao amanhã ligada...

na corrente que tu és.

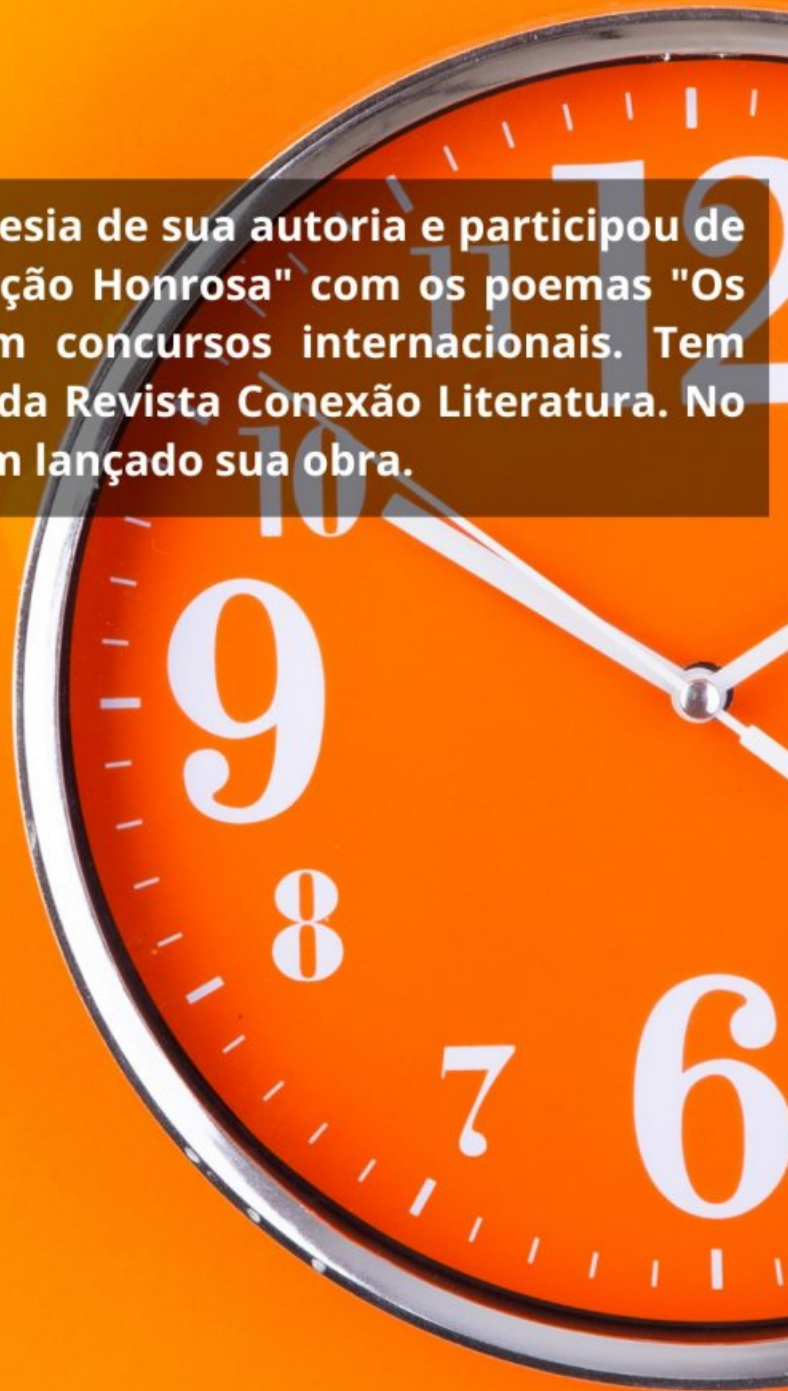


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tempus fugit

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

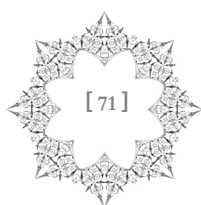


De estagnação sentida
à força nova etapa, puxada...
seguida no sempre acelerar...
à fase de deslize sem freios.

O tempo que agora como nunca,
me escapa... minha energia,
estabilidade e força, leva junto.
Sem margens para reparos.

Como uma degradação geral
sem a quem ou a quê recorrer...
vive-se cada dia com a certeza
da preciosidade que se perde.

A tal velocidade o tempo foge
que antecipa o amanhã no hoje
e o hoje sopra ao passado...
sem futuro que se vislumbre.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Momentos que marcam

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Trazendo surpresas
e felizes encantos...
momentos de prazer
dourados... fugazes.

Trazendo sombrias
cinzentas aragens...
baço firmamento
desencanto que lesa.

O ciclo... mais cinza
que dourado... e os
momentos que marcam
a memória que fica...

Lembrando que o belo e o
bom rapidamente se vão...
momentos que eternos
queremos... Mas não!



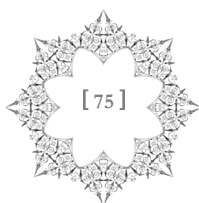
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A consumir

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado em e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Tempo que leva...
esperanças, felicidade...
e sofrimento
- quando não o traz.
Que abre céus e terra
- que nos escapam.
Corrói o corpo...
dilacerada carcaça...
sem consideração
para com o mínimo ser
- só mais um grão
no universo maior.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**